

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NO CONTEXTO DO PARADIGMA EDUCACIONAL EMERGENTE

Denyse Mota da SILVA¹, Maria José de PINHO², Ângela Maria SILVA³

¹ Coordenadora Pedagógica da pós-graduação da Faculdade de Ciências do Tocantins FACIT. Doutora em Letras – Ensino de Língua e Literatura. E-mail: denyse@faculadefacit.edu.br.

² Professora Adjunta da Universidade Federal do Tocantins UFT. Pós-doutorado, Doutorado e Mestrado em Educação. Orientadora do trabalho. E-mail. mjpinho@uft.edu.br.

³ Diretora Geral da Faculdade de Ciências do Tocantins FACIT. Pedagoga. Mestre em Educação. Mestre em Odontologia. E-mail: angela_ortoface@hotmail.com.

Resumo

Este artigo faz um estudo sobre Educação a Distância (EaD) e Formação de Professores. O objetivo é identificar nesta modalidade educacional, aspectos do Paradigma Educacional Emergente. Para tanto, realizamos uma pesquisa bibliográfica, isto é, teórica. Para os estudos sobre Educação a Distância utilizamos, dentre outros, as bases teóricas de Martelli (2003). Sobre Formação de Professores na EaD Cantarelli, Cardoso & Wippel (2007); Kleiman (2006; 2007). Acerca do Paradigma Educacional Emergente Maria Cândido Moraes (2004). O estudo revela que a EaD é um poderoso aliado na Formação Docente, tanto inicial quanto continuada, pois, por seu caráter transcendente de espaço e tempo, atua favoravelmente para que os profissionais da educação que não podem, não querem ou não têm oportunidade de cursar uma licenciatura e/ou especialização na modalidade de estudo presencial. Igualmente, constatamos que a EaD se insere no contexto do Paradigma Educacional Emergente, ao se apresentar como uma forma de ensinar e aprender que rompe com as formas tradicionais de educação, onde alunos e professores são agentes de um processo que transcorre sem local ou tempo pré determinados, favorecendo a autonomia do aprendiz. Ademais, a EaD se apresenta como uma alternativa de democratizar o ensino num país de dimensões continentais como o Brasil.

Palavras Chave: Educação a Distância. Formação de Professores. Paradigma Educacional Emergente. Educação. Ensino.

Abstract

This article makes a study on distance education (EaD) and teacher training. The goal is to identify this educational modality, aspect of the Educational Paradigm Emerging. To this end, we conducted a literature search, this is theoretical. For studies on distance education, among others, the theoretical bases of Martelli (2003). On training of Teachers in de Cantarelli, Cardoso & Wippel (2007); Kleiman (2006; 2007). About the Educational Paradigm Emerging Maria Cândido Moraes (2004). The study reveals that the EaD is a powerful ally in teacher education, both as initial continued therefore your transcendent character of space and time, acts favorably for the education professionals who can't, don't want to or

don't have the opportunity to attend a degree and/or expertise in classroom study. Also, we note that the EaD falls within the context of the Emerging educational paradigm, to pose as a way to teach and learn that breaks with the traditional forms of education, where students and teachers are agents of a process that takes place without local or pre-defined time, favoring the autonomy of the learner. Furthermore, the EaD is presented as an alternative to democratize the teaching in a country of continental dimensions such as Brazil.

Keyword: Distance education. Training of teachers. Educational Paradigm Emerging. Education. Teaching.

INTRODUÇÃO

É recorrente o estigma de que a Educação a Distância (EaD) é uma categoria educacional de qualidade inferior à modalidade de ensino presencial. Nesse sentido, pretendemos, neste artigo, desmistificar essa premissa, e apresentar a EaD como um modelo educacional que rompe as barreiras geográficas, se apresentando como possibilidade de formação para aqueles que não tiverem/têm oportunidade de cursar uma licenciatura presencial e, também, um modo de democratizar o ensino num país de dimensões continentais como o Brasil. Igualmente, e partindo de uma literatura especializada, buscamos identificar na EaD aspectos e conexões com o Paradigma Educacional Emergente.

Nosso objetivo é problematizar a Formação de Professores no âmbito da Educação a Distância (EaD) e apresentar aproximações com o “Paradigma Educacional Emergente”. Especificamente buscamos estudar a formação docente na modalidade EaD; compreender a EaD como uma abordagem que transcende os limites da dimensão espacial, temporal, cultural e

curricular. A partir de tais constatações, identificar a EaD como um modelo de educação que tem características do “Paradigma Educacional Emergente”.

A pesquisa, de caráter teórico, se deu a partir de uma criteriosa revisão bibliográfica. Utilizamos os estudos realizados durante as aulas, principalmente nos seminários, bem como a Bibliografia Básica sugerida pela ementa da disciplina. Além destes, tornou-se necessário um olhar mais atento sobre a conexão entre as teorias estudadas, quais sejam: Formação Docente; Educação a Distância e Paradigma Educacional Emergente.

1. EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: HISTÓRICO, CONCEPÇÕES E EVOLUÇÃO NO CONTEXTO DAS NOVAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

A educação no Brasil, assim como em diferentes países, situa-se na perspectiva da complexidade, impondo desafios para os sistemas de ensino que buscam formas de atender às necessidades, aos anseios e às expectativas de uma sociedade

marcada pela emergência das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs). Nesse cenário está a Educação a Distância, uma modalidade de ensino que se apresenta como um novo paradigma educacional.

Na concepção de Martins & Galdino (2007), embora atualmente a EaD apareça associada ao contexto das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTICs), as experiências iniciais desse tipo de educação ocorreram na Europa ainda no século XVIII, e se deram a partir do uso da taquigrafia e dos recursos da imprensa, mesmo que de forma incipiente. Segundo esses autores, o primeiro registro de atividade sistemática de ensino a Distância surge na Suécia em 1829, mas no Brasil Educação a Distância é secular, uma vez que se têm registros da sua incidência ainda em 1904, segundo a Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED).

Com efeito, no século XX, até os anos 1970, a Educação a Distância no Brasil foi possível a partir da popularização do Rádio e também dos serviços dos Correios. O grande marco dessa época deu-se a partir do trabalho de Roquete Pinto na Rádio Nacional do Rio de Janeiro, conforme apontam Martins & Galdino (2007).

Nesse sentido,

O meio postal está consagrado também na experiência hoje valorizada do antigo Instituto Universal Brasileiro (atual Instituto Mentor) que, a partir de 1941 passou a oferecer cursos profissionalizantes por correspondência. O rádio também cumpriu e ainda cumpre importante papel como mídia educacional, se considerarmos um país de dimensões

continentais e que ainda comporta graves problemas de comunicação e interação nacional (MARTINS & GALDINO, 2007 p. 2).

Realmente, o primeiro registro sobre a EaD no Brasil apontam para um tipo de aprendizagem conhecido como “Ensino por Correspondência”. Sua importância residia no fato de serem ofertados cursos que atendiam, num curto espaço de tempo e em regiões onde não existiam escolas presenciais, a um público expressivo que buscava uma qualificação profissional. O auge desse tipo de ensino foram os anos 1970 e 1980, quando predominava uma Educação Tecnista⁴.

Não obstante, a Educação a Distância é um recurso de incalculável importância para atender a grandes contingentes de alunos de forma mais efetiva que outras modalidades, e sem riscos de reduzir a qualidade dos serviços oferecidos em decorrência da ampliação do contingente a ser atendido. A escolha da EaD como meio de dotar as instituições educacionais de condições para atender às novas demandas por ensino e treinamento ágil, célere e qualitativamente superior, tem por base a compreensão de que, a partir dos anos 1960, a educação a Distância começou a distinguir-se como uma forma não-convencional de educação, capaz de atender com perspectiva de eficiência, eficácia e qualidade aos anseios de universalização do ensino e, também, como meio apropriado a permanente atualização dos conhecimentos gerados de forma cada vez mais intensa pela ciência e cultura humanas.

No tocante aos conceitos da EaD, primeiro conceituou-se o que não seria Educação a

⁴ O processo tecnicista buscou planejar a educação de modo a dotá-la de uma organização racional capaz de minimizar as interferências subjetivas que pudessem pôr em risco sua eficiência (SAVIANI, 2000).

Distância. Somente a partir de pesquisas realizadas nos anos 1970 e 1980 do século XX, essa modalidade educacional foi vista pelo que é, ou seja, a partir das características que a determinam ou por seus elementos constitutivos.

Desta forma, as primeiras abordagens conceituais, que qualificavam a Educação a Distância, tomavam um referencial externo ao próprio objeto como paradigma, pois estabeleciam comparação imediata com a educação presencial, também denominada educação convencional, direta ou face-a-face, onde o professor, presente em sala de aula, é a figura central. No Brasil, ainda nos tempos atuais, muitos costumam seguir o mesmo caminho, preferindo tratar a Educação a Distância a partir da comparação com a modalidade presencial da educação. Esse comportamento não é de todo incorreto, mas promove um entendimento parcial do que é EaD e, em alguns casos, estabelece termos de comparação pouco científicos.

Não obstante, durante a década de 1990, a necessidade de oferecer aos professores em serviço uma qualificação compatível com as exigências sociais e profissionais para seu nível de atuação foi objeto de estudo de pesquisadores no Brasil. Esses estudos mostraram as necessidades, tanto em termos numéricos, como em termos qualitativos, de currículos e condições básicas de formação. Ao lado destes estudos, foram surgindo alternativas de formação que foram desenvolvidas em várias instituições públicas de ensino superior em diversos pontos do país.

Algumas dessas iniciativas passaram a incorporar a Educação a Distância como forma de poder alcançar, sobretudo, os professores em exercício

nas escolas públicas que não possuíssem uma formação escolar condizente com as exigências para o exercício profissional da docência. Foram implementadas com base em princípios discutidos por vários grupos, buscando não só diminuir as estatísticas de carências na formação dos docentes da educação básica, mas, principalmente, buscando uma nova qualidade para essa formação (GATTI, 2000).

Com efeito, educar e educar-se a Distância requer condições muito diferentes da escolarização presencial. Os alunos em processos de educação a Distância não contam com a presença cotidiana e continuada de professores, nem com o contato constante com seus colegas. Embora possam lidar com os temas de estudo disponibilizados em diferentes suportes, no tempo e local mais adequados para seus estudos, num ritmo mais pessoal, isso exige determinação, perseverança, novos hábitos de estudo, novas atitudes em face da aprendizagem, novas maneiras de lidar com os desafios de algo novo.

Segundo Gatti (2000), os educadores envolvidos com os processos de ensino a Distância têm que redobrar seus cuidados com as linguagens, aprender a trabalhar com multimídia e equipamentos especiais, maximizar o uso dos momentos presenciais, desenvolver melhor sua interlocução via diferentes canais de comunicação, criando nova sensibilidade para perceber o desenvolvimento dos alunos com quem mantêm interatividade por diferentes meios e diferentes condições. Sendo assim, algumas características devem ser garantidas nesse processo para que uma boa qualidade formativa, que os alunos têm direito de usufruir em seus processos educativos, seja contemplada.

Nesse sentido Martelli (2003, p. 24), citando Fagundes (1996), enfatiza que na contemporaneidade a EaD permite atender aos alunos em interação social de forma cooperativa, promovendo uma aprendizagem contextualizada, tanto nos cursos de formação inicial, como para pessoas que necessitam continuar aprendendo novas formas de conhecimento, de representações, de práticas. Ademais, a EaD, por sua importância para atender às demandas da contemporaneidade, é regida e regulamentada por documentos, por exemplo, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), conforme veremos a seguir.

2. EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Até aqui vimos que a Educação à Distância não é apenas uma nova modalidade educacional. Antes, se apresenta como uma alternativa de democratização do ensino alcançando populações isoladas e promovendo a inclusão social. Um de seus mais importantes papéis está no fato de poder formar profissionais da educação para atuar em suas áreas específicas, uma vez que um dos problemas mais sérios da educação básica no Brasil é a atuação de professores leigos nas disciplinas que lecionam.

No que tange ao seu caráter de política pública, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394 de 20 de dezembro de 1996) concede estatuto de maioria para a Educação a Distância, garantindo-lhe incentivo do poder público, espaço amplo de atuação em todos os níveis e modalidades, sendo os requisitos básicos de funcionamento dados pela União (controle, avaliação e autorização) e

regulamentado pelo Sistema de Ensino. Assim, informa a LDB, no Art. 80 que “O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada”.

Assim seguiu-se à LDB o Decreto n. 2.494 de 10 de Fevereiro de 1998 destinado a regulamentar o artigo 80, estabelecendo diretrizes gerais para autorização, reconhecimento, tempo de validade desses atos e distribuição competências. Em 27 de Abril de 1998, foi publicado o Decreto n. 2.561, corrigindo os artigos 11 e 12 do Decreto anterior. Após sete anos, é assinado o Decreto de n. 6.303, de 12 de Dezembro de 2007, cuja matéria trabalha de forma mais concreta e detalhada as normas para a educação à distância e revogando os Decretos anteriores.

Para o representante no Brasil da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), Abdul Waheed Han, o ensino a distância faz parte do cotidiano e se torna fundamental para se alcançar os objetivos mundiais de Educação (ABED, 2006). Segundo Pinho (2007, p. 97), a Educação à Distância aparece no contexto atual como uma modalidade de educação adequada e desejável. Sua importância também reside no fato de poder atender às demandas educacionais requeridas pelas mudanças na nova ordem econômica mundial e para melhorar o processo de ensino e aprendizagem, promovendo novos processos de interação e troca de experiências.

Como sabemos, um dos imperativos da EaD é a formação de professores leigos e sua qualificação adequada para o exercício da docência, notadamente na segunda fase do

Ensino Fundamental – do 6º ao 9º anos e nos três anos que compõem o Ensino Médio. Isso porque sempre foi recorrente, professores de diferentes licenciaturas atuarem fora de suas áreas, ou seja, professores de ciências sem a formação em Biologia ou professores de português sem licenciatura em letras.

Em relação ao teor formativo do profissional da educação, vale ressaltar que o Decreto Nº 5.622 de 19 de dezembro de 2005 que regulamenta o Art. 80 da LDB 9394/96, estabelece a Educação a Distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos, abrangendo os seguintes cursos de graduação, de especialização, de mestrado e de doutorado. Isso demonstra que a formação de professores é alvo da EaD.

Refletindo sobre as tarefas docentes do professor de Educação a Distância, Cantarelli, Cardoso & Wippel (2007), elegem a Tutoria dos alunos como aspecto primordial e informam que a prática pedagógica nos processos de educação a distância se caracteriza pela:

[...] utilização de procedimentos didáticos, considerando as novas tecnologias e processos comunicativos; novas formas comunicativas com utilização de diferentes linguagens; assessoramento aos alunos na elaboração de seus planos de estudo e definição de currículos de curso; orientação aos alunos na utilização de recursos tecnológicos e cognitivos, para que eles possam auto-regular sua aprendizagem; habilidade na utilização de ferramentas diferenciadas que permitam uma aprendizagem diversificada e singular, contemplando as diferenças culturais dos

alunos; sistematização da avaliação de modo a garantir maior aprendizagem dos alunos, o que requer o emprego de procedimentos diversificados; organização das atividades de ensino, considerando as novas culturas da aprendizagem e da escolarização (CANTARELLI, CARDOSO & WIPPEL, 2007, p. 7).

Ou autores recorrem a Romanoski (2004) para afirmarem que na EaD as equipes de trabalho assumem o caráter multidisciplinar, sendo as funções dos professores ampliadas, uma vez que são eles que elaboram as propostas e os materiais de apoio pedagógico, além de serem articuladores e parceiros no acompanhamento do aprendizado dos alunos e, em parceria com os técnicos especializados, utilizam-se das NTCIs para abordagens inovadoras da aprendizagem.

Não obstante,

[...] como o processo de educação presencial, a educação a distância necessita de dedicação para a pesquisa, para a formulação de hipóteses, sem, todavia, dispensar a interação com os professores e a troca de experiências. Uma das vantagens desta forma de ensino/aprendizagem é que o educando pode fazer seus próprios horários de estudo de acordo com sua carga horária, ou suas preferências, facilitando assim para os professores que ministram aulas. Pode-se afirmar que a EAD é um meio concreto e eficaz para os professores que acreditam que devem estar continuamente se aperfeiçoando e integrando-se com as novas tecnologias disponibilizadas pela pós-modernidade (CANTARELLI, CARDOSO & WIPPEL, 2007 pp. 7-8).

Realmente, o professor que atua na Educação a Distância precisa manter uma relação muito próxima com seu aluno, mas essa proximidade irá se concretizar por meio do uso das ferramentas do computador. Para tanto, ambos, professores e alunos precisam de um preparo teórico e

prático para o uso e manuseio da *Internet*, pois a aprendizagem na EaD, sem essas habilidades, não se dará satisfatoriamente.

Dessa forma assume relevância o letramento digital do professor e as tecnologias, notadamente o computador e suas ferramentas, que se apresentam como um poderoso aliado de professores, desmistificando o pensamento daqueles que preconizam que a máquina tende a substituir o profissional. Para Araújo (2006), isso pode até acontecer, mas apenas para aqueles professores afeitos a uma metodologia tradicional que homogeneiza as turmas, não para aqueles que se enquadram no Paradigma Emergente.

Nessa perspectiva, a escola se configura como uma agência de letramento e o professor assume o papel não somente de agente (KLEIMAN, 2008) *apud* (DOLABELLA, 2010), mas também de mediador da aquisição de conhecimentos visando, especificamente, ao letramento escolar (SOARES, 2004), a partir de determinadas competências e habilidades contempladas no conteúdo programático em questão, como: condução de debates; a “educação para o olhar”; a “educação para a curiosidade”, (DOLABELLA, 2010, p. 7), relançando questionamentos sobre o mundo a partir de novos conhecimentos construídos a cada etapa de escolaridade, conduzindo a aprendizagem da oralidade pela verbalização de impressões, e também das habilidades de descrição e análise de textos verbais e/ou imagéticos na fase escolar observada.

A autora recorre à Kleiman (2006, p. 82) afirmando que o “lugar”, que assume esse professor, nessa perspectiva, é o de “agente de letramento”, isto é, o professor como agente social, responsável pela

inserção dos alunos nas práticas de letramento escolar. Sendo assim, para o exercício desse papel de “agente social”, ao qual se refere a autora, acredita-se que “[...] a familiaridade com múltiplas práticas de letramento é ainda essencial, mas tão importante quanto isso é a capacidade de mobilização da comunidade de leitores (em formação) com vistas a um objetivo em comum” (KLEIMAN, 2008) *apud* (DOLABELLA, 2010, p. 7).

Nessa perspectiva, Kleiman (2007) entende que aquele professor que adotar a prática social como princípio organizador em sua prática de ensino enfrentará a complexa tarefa de determinar quais são as práticas significativas e, conseqüentemente, o que é um texto significativo para seus alunos. Para a autora, a atividade é complexa porque envolve partir do conhecimento e da cultura diversificada dos alunos que, antes de entrarem na escola, já são participantes de atividades corriqueiras de grupos que, central ou periféricamente, com diferentes graus e modos de participação (mais autônomo, diversificado, prestigiado ou não), já pertencem a uma sociedade tecnologizada e letrada.

Com efeito, a papel do professor nos eventos de letramento vai muito além da indicação e da exposição de conteúdos programáticos. Ele atua mesmo como “cúmplice” de seus alunos, assumindo um lugar onde as subjetividades se evidenciam, e sendo assim, precisam se adequar a uma realidade onde as tecnologias tendem a se sobrepôr, e é aqui que o professor atua como mediador, não apenas das atividades acadêmicas, mas principalmente na formação para uma vida em comunidades afetivas.

Por tudo que foi discutido até aqui, acreditamos que a Educação a Distância assume características

do Paradigma Educacional Emergente, e é sobre isso que refletiremos na seqüência.

3. EaD: UM NOVO PARADIGMA EDUCACIONAL?

Conforme visto anteriormente, a Educação a Distância é uma modalidade de ensino que se efetiva sem lugares nem tempo previamente determinados, o que nos permite protagonizar sua complexidade e, por conseguinte, aspectos recorrentes ao Paradigma Educacional Emergente. Esse, por sua vez, se impõe ao Paradigma Educacional Tradicional.

Dessa forma, consideramos providencial conceituar paradigma, e para tanto recorreremos a Khun (1983) que afirma que paradigma é um modelo, ou mesmo padrões compartilhados que permitem a explicação de certos aspectos da realidade. Entretanto, é mais do que uma teoria, implicando uma estrutura que gera novas teorias.

Para Moraes (2004), no tocante à origem, os valores que estão associados ao Paradigma Tradicional decorrem de uma associação de várias correntes de pensamento da cultura ocidental, da Revolução Científica, do Iluminismo e da Revolução Industrial, que estiveram presentes a partir dos séculos XVII, XVIII e XIX, sendo que as idéias iniciais que influenciaram a era moderna foram formuladas nos séculos XVI, XVII e XVIII.

O Paradigma Tradicional, ainda de acordo com Moraes (2004), caracteriza-se pelo conhecimento objetivo obtido pela experimentação e na observação controlada, visando ao critério de verdade na experimentação (sensação) e na lógica matemática (razão).

Uma constatação importante realizada por Moraes (2004), é o fato de a escola atual continuar influenciada por esse velho paradigma, uma vez que encontra-se submetida a um sistema paternalista, hierárquico, autoritário e dogmático, não percebendo as mudanças ao seu redor e, não obstante, resistindo a elas, pois continuamos dividindo e hierarquizando o conhecimento em assuntos, especialidades, sub-especialidades.

Um contraponto a esse modelo é o Paradigma Educacional Emergente, apresentado por Moraes (2004) como um novo paradigma científico que nos traz a percepção de um mundo complexo, a visão de contexto, uma visão mais ampla e abrangente, destacando a compreensão ecossistêmica da vida que enfatiza as relações do todo com as partes, ou seja, uma visão ecológica que reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos e o perfeito entrosamento, reconhecendo a existência de uma consciência de unidade da teia da vida, isto é, a interdependência de suas múltiplas manifestações, seus ciclos de mudanças e de transformações não apenas da sociedade, mas da vida.

É nesse contexto de complexidade e na emergência de novas formas de entender as transformações do mundo contemporâneo que identificamos aspectos convergentes entre a EaD e o Paradigma Emergente. De acordo com Peters (1973), a Educação a Distância é um método de partilhar conhecimento, habilidades e atitudes, através do uso extensivo de meios de comunicação, numa interação entre os agentes, sendo os aspectos cognitivos e afetivos elementos constitutivos dessa forma de ensino e de aprendizagem.

Em conformidade com Moraes (2004), o

Paradigma Emergente reconhece o indivíduo como um aprendiz que constrói conhecimento usando as sensações, as emoções, a razão e a intuição, contemplando a dualidade cérebro-espírito, a conexão da razão com a emoção, a integração de todo o ser, sua reintegração à sociedade e ao mundo da natureza do qual é parte. Entende a constituição do conhecimento a partir da cooperação dos dois hemisférios cerebrais, que unidos, apesar da singularidade de cada parte, são funcionalmente complementares. Permite uma visão mais ampla do mundo e da vida, o que requer a colaboração da educação no sentido de propiciar uma dialética mais equilibrada entre ambos, condição indispensável para sobrevivência da humanidade na busca de soluções aos problemas que nos afligem, bem como inclui a relação dialética existente entre sujeito-objeto no processo de construção do conhecimento.

Assim sendo, e segundo Egreja, Machado & Silva (2009), a Educação a Distância (EaD) apresenta-se como uma modalidade renovadora, capaz de contribuir para a constituição de um novo Paradigma Educacional, permitindo a ampliação das relações interativas por meio das Tecnologias da Informação e da Comunicação e a criação de condições de aprendizagem para uma educação colaborativa e cooperativa.

Segundo Pinho & Almeida (2011), a proposta da EaD vai além de uma mudança no processo de ensino e representa um avanço na democratização da educação para as camadas sociais menos favorecidas. Para as autoras, esse modelo de educação é uma alternativa promissora para o Brasil, e não obstante, uma realidade efetiva, pois vem ganhando espaço e oportunizando pessoas

impossibilitadas de freqüentar uma sala de estudo presencial, muitas das vezes em função da distância dos grandes centros urbanos.

Nesse sentido, Martelli (2003, p. 22) afirma que de acordo com a UNESCO:

[...] a educação a distância facilita o cumprimento do princípio de igualdade de oportunidade. Leva a educação a grupos sociais com poucas possibilidades de acesso ao ensino: populações dispersas e alijadas geograficamente, com escassos recursos financeiros e grupos em condições desvantajosas, bem como explora as possibilidades das novas tecnologias da informação e da comunicação.

A autora acredita que a partir de uma política que visa a uma educação permanente para todos, a proposta da UNESCO é de implementar ações em nível nacional e regional, ressaltando principalmente os esforços cooperativos para o desenvolvimento dos sistemas e programas de ensino aberto e a Distância para aqueles que não podem desfrutar dos benefícios de uma educação básica presencial, sob o tradicional modelo escolar.

Contudo, Martelli (2003, p. 13) entende que isso não concebe necessariamente a EaD como a solução dos problemas educacionais do mundo contemporâneo, mas sim, reconhece o potencial que esta modalidade educacional pode oferecer aos sistemas de ensino superior que, na intenção de diversificar e flexibilizar oportunidades, poderão organizar-se em sistemas mistos ou integrados, isto é, com atividades presenciais e a Distância. Dentre as características da EaD Martelli (2003, p. 47) destaca:

- **abertura:** uma diversidade e amplitude de oferta de cursos, com a eliminação do maior

número de barreiras e requisitos de acesso, atendendo a uma população numerosa e dispersa, com níveis e estilos de aprendizagem diferenciados, para atender à complexidade da sociedade moderna; - **flexibilidade:** de espaço, de assistência e tempo, de ritmos de aprendizagem, com distintos itinerários formativos que permitam diferentes entradas e saídas e a combinação trabalho/estudo/família, favorecendo, assim a permanência em seu entorno familiar e laboral; - **adaptação:** atendendo às características psico-pedagógicas de alunos que são adultos; - **eficácia:** O estudante, estimulado a se tornar sujeito de sua aprendizagem, a aplicar o que está aprendendo e a se auto-avaliar, recebe um suporte pedagógico, administrativo, cognitivo e afetivo, através da integração dos meios e uma comunicação bidirecional; - **formação permanente:** há uma grande demanda, no campo profissional e pessoal, para dar continuidade à formação recebida “formalmente” e adquirir novas atitudes, valores, interesses, etc. - **economia:** evita o deslocamento, o abandono do local de trabalho, a formação de pequenas turmas e permite uma economia de escala. (Grifos nossos).

Como se percebe, as peculiaridades da EaD identificadas por Martelli dão a dimensão dos aspectos convergentes entre essa modalidade de ensino e o Paradigma Educacional Emergente, pois, segundo Moraes (2004), esse paradigma permite pensar na formação do professor para exercitar uma adequada pedagogia dos meios, uma pedagogia para a modernidade, visando ao amanhã, numa perspectiva moderna e própria de desenvolvimento, numa educação capaz de manejar e produzir conhecimento, fator principal das mudanças que se impõem ao século XXI.

Partindo dessas premissas, refletiremos, a seguir, sobre a Formação do Professores na EaD e suas conexões com o Paradigma Educacional Emergente. Além disso, apresentaremos, brevemente, a Inter e a Transdisciplinaridade, identificando relação entre estas, a EaD e o

Paradigma Emergente.

4. A EaD NA PERSPECTIVA DO PARADIGMA EDUCACIONAL EMERGENTE: APRENDER A APRENDER

Estudos como os de Dellors (1998) destacam que não basta que cada um acumule no começo da vida uma determinada quantidade de conhecimento de que possa abastecer-se indefinidamente. Antes, torna-se necessário estar à altura de aproveitar e explorar, do começo ao fim da vida, todas as ocasiões de atualizar, aprofundar e enriquecer estes primeiros conhecimentos, e de se adaptar a um mundo em mudança. É, dessa forma, necessário aprender a aprender.

Nesse sentido Peixoto (2010) colabora afirmando que a aprender a aprender diz respeito à atitude do aprendiz de apreender os procedimentos necessários para a assimilação de qualquer conteúdo e sendo assim, aprender a aprender é uma atitude, isto é, uma predisposição, uma postura ativa do aprendiz que tem como objetivo apropriar-se de um conteúdo, ou seja, saber fazer algo, conhecer um assunto, aproximar-se ou dominar uma área do conhecimento.

Para esse autor, tais procedimentos podem ser ações concretas que o aprendiz se propõe a realizar, mas são também formas de pensar tanto o conteúdo como também as maneiras de apropriar-se dele. No entanto, há determinados procedimentos que podem ser considerados mais gerais, servindo para qualquer conteúdo, mas há também aqueles mais específicos, aplicáveis apenas a determinados assuntos.

Ademais, e ainda de acordo com Peixoto (2010),

um dos princípios do aprender a aprender é o desenvolvimento da autonomia do aprendiz, onde este aprende a construir o conhecimento por si mesmo, assumindo o aprendizado um nível mais significativo do que aquele que ocorre pela mera transmissão do conteúdo, fazendo uso de técnicas rudimentares e ultrapassadas.

Essa percepção está em consonância com Moraes (2004), ou seja, com o Paradigma Tradicional, no qual, segundo a autora, o professor tem um compromisso com o passado, com as coisas que não podem ser esquecidas. Entretanto, no Paradigma Emergente, Moraes entende que o professor assume cada vez mais o papel de facilitador e/ou mediador da aprendizagem à medida que os alunos, aprendendo a aprender, a pensar, a apreender, a indagar, a interagir e a pesquisar, vão sendo capacitados para o auto desenvolvimento e preparados para atender às exigências de uma sociedade globalizada.

Também aqui identificamos aspectos comuns entre a EaD e o Paradigma Emergente no que tange às formas de aprender a aprender. Vejamos o que diz Moraes:

[...] Todos esses aspectos têm implicações importantes nas práticas administrativas da escola. Pretende-se abandonar as escolas burocráticas, hierárquicas, organizadas por especialidades, constituídas de sistemas rígidos de controle, escolas dissociadas do contexto e da realidade, para se construir uma escola aberta, com mecanismos de participação e descentralização mais flexíveis, com regras de controle discutidas com a comunidade e decisões tomadas por grupos interdisciplinares mais próximos dos alunos. [...] É um novo modelo de escola que derruba as suas paredes, que salta além de seus muros, revelando um aprendizado sem fronteiras, sem limites de idade e pré-requisitos burocráticos; um novo modelo que traduz uma nova relação de abertura

com a comunidade e reconhece a existência de novos espaços do conhecimento. Na realidade, é uma escola sem paredes, uma "escola expandida" que cria novos espaços de convivência e de aprendizagem (MORAES, 2004, p. 20). (GRIFOS DA AUTORA).

Tais constatações nos permitem afirmar que essa nova escola proposta por Moraes encontra ressonância na dinâmica da escola que trabalha com a Educação a Distância. Uma escola que tem como principal característica o fato de professores e alunos estarem em constante situação de aprendizes, onde a sala de aula é todo e qualquer lugar e o tempo é administrado de acordo com a necessidade ou interesse de cada um, mas que se efetiva na interação e no diálogo.

Nesse sentido, a educação que emerge dessa escola assume características Interdisciplinares (FAZENDA, 2003) e Transdisciplinares (NICOLESCU, 2001) uma vez que sua efetivação perpassa o campo disciplinar, produzindo modos de compartilhar saberes, reconhecendo os diferentes níveis de uma realidade em constante transformação. Realidade essa que ultrapassa as fronteiras da ciência, instituindo, na concepção de Japiassu (1979), Morin (2000; 2001; 2002), Sommerman (2006), Damas (2009) e Magalhães (2009), espaços de diálogos multirreferenciais com as diversas culturas, com a vida de cada grupo humano e de cada um individualmente, abrindo possibilidades de visões plurais a respeito de um fenômeno ou conceito, e a respeito da complexidade da própria vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo relatamos um estudo sobre Educação a Distância, Formação de Professores e o Paradigma Educacional Emergente. Partindo

de uma pesquisa de cunho teórico, constatamos que a Educação a Distância é uma modalidade de ensino e de aprendizagem que estabelece conexões expressivas com o Paradigma Educacional Emergente.

Além disso, a EaD se apresenta como possibilidade viável para a formação de professores numa sociedade marcada pela incidência, influência e refinamento das Novas Tecnologias de Comunicação e Informação, mas precisa de alguns pré-requisitos para que ocorra de forma adequada, como, por exemplo, habilidades no uso e manuseio do computador e suas ferramentas.

Nesse sentido, escola, professores e alunos, constroem juntos uma educação interativa e dialógica, promotora de sujeitos autônomos capazes de enfrentar as vicissitudes da vida numa sociedade marcada pela virtualidade. Uma educação que faz frente à forma tradicional de ensinar e aprender, e que reúne, em suas características, elementos do Paradigma

Educacional Emergente.

Ademais, e de acordo com os teórico consultados, a EaD também mantém aspectos da inter e da transdisciplinaridade, uma vez que para que ocorra a aprendizagem, professores e alunos não precisam de espaço nem de tempo previamente determinados. Além disso, cada um terá que eleger suas prioridades, e a hierarquização das disciplinas cede lugar à flexibilidade de conteúdos, e a relação entre mestre e aprendizes se materializa nas subjetividades.

Finalizamos afirmando que a Educação a Distância no Brasil tem está sendo vista como uma forma de enfrentar a problemática acerca do exercício da docência por professores leigos nas disciplinas que ministram. E que nesse processo de formação novas teorias se perpassam, sendo que o Paradigma Emergente a Inter e a Transdisciplinaridade são elementos constitutivos dessa nova forma de ensino e de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Peterson Martins Alves. **Letramento Digital: Um Estudo de Caso em Uma Escola Municipal de João Pessoa**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, área de Estudos Culturais e Tecnologias de Informação e Comunicação da Universidade Federal da Paraíba. 2006. Disponível: www.ce.ufpb.br/ppge/

BRASIL, LDB – **Lei de Diretrizes Bases da Educação Nacional, lei 9394/96**. São Paulo: SIMPRO, 1996.

CANTARELLI, Ana Paula; CARDOSO, Evandra Oliveira; WIPPEL, Suzani dos Santos. **Formação de Professores a Distância: Quase um século de História**. 2007. Disponível: www.ufsm.br/ Acesso 12-jan-2012.

COSTA, Celio Murillo Menezes da. **Aprender a aprender: uma técnica de aprendizagem** / Celio Murillo. Menezes da Costa. Padre Miguel, RJ (ORG): SIMONSEN, 2003. 89 p. Disponível: <http://www.simonsen.br/aprender.pdf>. Acesso 15-jan-2012.

DAMAS, Luiz Antonio. Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade: O jeito de educar na complexidade. In: SANTOS, Jocyléia Santana (Org.) **Competências Interdisciplinares**. São Paulo, Xamã, 2009.

DELORS, Jacques. **Educação um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, 1998.

DOLABELLA, Ana Rosa Vidigal. **Educação Para as Mídias nas Práticas Escolares de Educação Infantil: Uma Experiência Francesa**. 2010. Disponível: <http://alb.com.br/>. Acesso: 10-jan-2012.

EGREJA, Júlio José Cardoso; MACHADO, Michelle Jordão; SILVA, Vânia de Aquino. A educação a distância na perspectiva transdisciplinar: a contribuição das disciplinas de Laboratório de Pesquisa no curso de Pedagogia. **CINTED-UFRGS Novas Tecnologias na Educação**. V. 7 Nº3, dezembro, 2009. Disponível: <http://seer.ufrgs.br/renote/article/viewFile/13575/8552>. Acesso 13-jan-2012.

GATTI, B. A. **Formação de Professores e Carreira: problemas e movimentos de renovação**. 2a. ed. Campinas, Autores Associados, 2000.

FAGUNDES, L. C. Educação a distância (EAD) e as novas tecnologias. In: **Tecnologia Educacional**. v. 25 (132/133), set/out/nov/dez, 1996, ano XXV. p. 20-23.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. **Interdisciplinaridade: qual o sentido?** São Paulo: Paulus, 2003.

JAPIASSU, H. **Introdução ao Pensamento Epistemológico**. Rio de Janeiro: Francisco, 1979.

KLEIMAN, A. Processos identitários na formação profissional. O professor como agente de letramento. In: CORRÊA, M. L. G.; BOCH, F. (Org.). **Ensino de língua: representação e letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006, p.75-91.

KLEIMAN, Ângela Martins. LETRAMENTO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA. **Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, p. 1-25, dez, 2007. Disponível: <http://online.unisc.br/>. Acesso 12-jan-2012

Kuhn, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Ed. Perspectiva. 1983.

MAGALHÃES, Solange M. O. Transdisciplinaridade e seus reflexos na formação de professores. In: GUIMARÃES, Valter Soares (Org.). **Formação e Profissionalização Docente**. Goiânia, Ed. da PUC Goiás, 2009.

MARTELLI, Ivana. **EAD: Uma Alternativa de Políticas Educacionais para a Formação de Professores**. Tese de Doutorado. 2003. Disponível: www.athena.biblioteca.unesp.br. Acesso 12-jan-2012.

MARTINS, Herbert Gomes; GALDINO, Mary N. D. **Ensino a Distância: Entre a Institucionalidade e a Formação de uma nova Cultura**. 2007. Disponível: <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT16-2588--Int.pdf>. Acesso: 11-jan-2012.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. 10. ed. São Paulo: Papirus, 2004.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. 2004. 22 p. Disponível: http://www.ub.edu/sentipensar/pdf/candida/paradigma_emergente.pdf. Acesso 10-jan-2012.

MORIN, E. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. Tradução Catarina Eleonora F. da Silva; Jeanne Sawaya, 2a. ed. S. Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

_____. Desafios da transdisciplinaridade e da complexidade In: **Inovação e interdisciplinaridade na universidade**. Porto Alegre, EDIPURS, 2001

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. 5 ed. Rio de Janeiro: Instituto Piaget, 2002.

NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 2001.

Peixoto, Maurício A. P. **O que “é” aprender “a” aprender?** Nossos fundamentos. 2010. Disponível: <http://officinadamente.com.br/blog/?p=2090>. Acesso 15-jan-2012